

A cidade Transformada Pelo Fogo
Anotações sobre o impacto de três incêndios sobre a forma urbana da cidade de
Erechim – RS

O trabalho a seguir apresenta uma análise de um período de ruptura que ocorreu no início da década de 30 na cidade de Erechim, localizada na região Norte do Estado do Rio Grande Sul. A cidade teve sua origem ligada ao período de criação de núcleos urbanos pelo Estado para abrigar os imigrantes europeus que desembarcavam no país e fazia parte da Colônia de mesmo nome fundada pela Comissão de Terras e Colonização que desenvolveu, de forma inédita no Estado, um projeto de urbanismo nos moldes do urbanismo moderno. O plano implantado foi ocupado por imigrantes que nele construíram suas casas conforme as lembranças que traziam de seus países de origem. O conjunto revelava as tradições preservadas pelos imigrantes. O contraste entre a tradição e a modernidade conviveu até o início da década de 30 quando incidiram sobre a cidade três grandes incêndios que alastraram quarteirões desfigurando a avenida que conformava o centro da cidade. No lugar das edificações em madeira foram construídos edifícios no estilo Eclético, com novo material e novas formas, o que deu origem a uma nova cidade. Através da análise da forma urbana, com o apoio conceitual de Henri Lefebvre e Aldo Rossi procurar-se-á entender como os incêndios contribuíram para a evolução urbana da cidade e de que forma eles representaram uma aceleração do processo histórico de Erechim.

1. Erechim – das origens...

1.1 Fundação – a Colônia Erechim

Erechim localiza-se na região norte do estado do Rio Grande do Sul, na microrregião Alto Uruguai, tendo como limites, ao norte, os municípios de Aratiba e Três Arroios, ao sul, Getúlio Vargas e Erebangó, ao leste, Gaurama e Áurea e a oeste, Paulo Bento e Barão de Cotegipe. O município de Erechim, objeto de estudo desta pesquisa, fazia parte até 1938 da Colônia Erechim que foi fundada pelo então governador do Rio Grande do Sul, Carlos Barbosa Gonçalves, em 1908, e era composta por nove núcleos urbanos (correspondentes às estações ferroviárias implantadas na região norte). A Colônia pertencia ao oitavo distrito de Passo Fundo até 1918 quando foi elevada à categoria de Município com a sede representada pelo núcleo Boa Vista, hoje cidade de Erechim.

O início da ocupação do norte do Estado e paralelamente à fundação da Colônia Erechim se deu no começo do século XX quando diversos núcleos vinham sendo organizados no Estado pela Comissão de Terras Estadual. Segundo Chiaparini (1997), a criação da Colônia Erechim se deu em um período onde diversos setores do Estado passavam por dificuldades. Dentre eles se destaca a crise da pecuária, do abastecimento, de produtos oriundos de uma agricultura de policultura; a crise de excedentes populacionais das terras velhas; e ainda a existência de terras devolutas do Norte e Nordeste do Estado que até 1910 não haviam sido ocupadas de forma legal.

No mapa a seguir pode-se observar a demarcação dos lotes da Colônia Erechim bem como o espaço reservado para a nova sede.



Fig. 1 Mapa de subdivisão da Colônia Erechim em lotes rurais no ano de 1913.
Fonte: Prefeitura Municipal de Erechim.

Dois itens ainda são relevantes para se entender o surgimento da Colônia e, principalmente, da sua sede, Erechim, cidade em estudo: a política de terras do País e a política de imigração e colonização.

1.2 A situação da terra e a imigração

Após a promulgação da Lei de Terras no Brasil, a implantação de colônias de imigrantes, estabelecidas em pequenas propriedades agrícolas foi uma das formas de apropriação das terras, rendendo dividendos ao Estado e resolvendo os problemas de abastecimento dos centros urbanos que já estavam saturados.

O serviço de Obras Públicas, que coordenava o trabalho de divisão territorial, ao mesmo tempo se encarregava da distribuição dos imigrantes nos novos lotes. O governo Geral subvencionou a imigração até 1895, quando essas atividades passaram a ser responsabilidade dos Estados através da Diretoria de Terras e Colonização, subordinada à Secretaria de Obras Públicas.

No Rio Grande do Sul o sistema de colonização foi intensificado com a necessidade de povoar essa região, para tanto o Estado utilizou a Carta de Colonização da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul que mencionava critérios específicos para divisão de lotes, formação de núcleos e distribuição da população, como também criou a Inspetoria Especial de Terras e Colonização, responsável pelo surgimento de novos núcleos coloniais.

No Rio Grande do Sul a política adotada na implantação da República foi de extrema importância para a organização das cidades. O Positivismo foi o guia para Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros na elaboração de um pacote de soluções que seguia o lema desse regime: Ordem e Progresso. A criação da Colônia Erechim se encaixa nesses preceitos básicos do positivismo: com um projeto completo de infra-estrutura absorveu os imigrantes que deixavam a Europa, os contingentes excedentes dentro do próprio Estado, oriundos das terras velhas e ainda resolveu o problema dos intrusos e da situação das terras devolutas do Alto Uruguai. Como pode se observar o Estado foi o grande criador da Colônia Erechim.

1.3 Antigas colônias

Anterior à formação da Colônia Erechim surgiram no Estado os primeiros núcleos coloniais, organizados a partir de 1870. Os núcleos de Conde D'Eu (atual Garibaldi) e de Dona Isabel (atual Bento Gonçalves) foram as primeiras colônias criadas pelo presidente da Província João Sertório e se localizavam na região serrana do Estado. Elas receberam prioritariamente

os imigrantes italianos que chegaram ao Estado logo após os alemães, subvencionados pelo governo. Além destes núcleos, a região de colonização italiana era constituída pelas colônias Caxias, Antonio Prado, Alfredo Chaves, Guaporé e Encantado. Essa região tornou-se marcante no Estado pela sua imagem, que faz referência às cidades européias, configurada pela transformação do espaço a partir da memória imigrante.

A quarta colônia, fundada em 1877, foi Silveira Martins, na região central do Rio Grande do Sul. A chegada dos imigrantes foi intensa em busca de um pedaço de terra para cultivar e morar, como sinônimo de independência, motivo que os levou a sair de seu país de origem. Em seguida se iniciaram os trabalhos de ocupação da região Norte do Estado.

Três foram os motivos, segundo CASSOL (1977: 28), para o início da colonização do norte do estado.

Primeiro, a Revolução Federalista de 1893, que teve início a partir da crise da recém implantada República e contou com a participação do Estado na luta contra as forças legais de Floriano Peixoto. Com isso, muitos refugiados procuraram abrigo na região ocupada pela mata, que na época da fundação da Colônia já contava com cerca de 200 posseiros habitando. Em 1910 com a chegada da ferrovia São Paulo – Rio Grande até Marcelino Ramos expandiu-se o comércio e a colonização na Colônia Erechim.

O terceiro ponto é a subvenção da imigração pelo Estado, que durou de 1908 a 1914 e facilitou a entrada de muitos imigrantes. Com a suspensão deste subsídio e com o grande crescimento das antigas colônias, que já não suportavam o excesso de contingente populacional, a Comissão de Terras iniciou o processo de colonização no norte do Estado.

A comissão intervinha na colonização dando a infra-estrutura necessária para fixar o imigrante. Assim, muitas colônias se desenvolveram e se transformaram em prósperos povoados ou municípios, como Erechim, que fazia parte da Colônia criada em 1908 e representava sua sede. Em 1910 a Colônia recebia os primeiros colonos, e em 1913 sua população passava de 18.000 sendo 10.000 do exterior e 8.000 de colônias do sul. (DUCATTI, 1981).

1.4 População

A região do Alto Uruguai foi habitat de três grupos indígenas, primeiramente, os tupis-guaranis, vindos das regiões das missões, os charruas, através dos campos de Quatro Irmãos, e os índios das casas subterrâneas, que fugiam da civilização jesuítica. Em seguida, no final do século XIX aparecem os descendentes de bandeirantes, posseiros, fugitivos da Revolução

Farroupilha de 1835 e Federalista em 1893, com uma chegada pouco pacífica na região, devido à presença indígena.

O terceiro grupo foi composto de imigrantes. De diferentes nacionalidades, ocuparam a região desde 1905 e logo se tornaram predominantes.

1.5 Boa Vista - Erechim

Em 1913, com a grande quantidade de imigrantes que já ocupavam os lotes demarcados na Colônia a Comissão iniciou o processo de mudança da sede para a antiga região de Paiol Grande. Os estudos para implantação dessa sede começaram juntamente com a instalação da ferrovia em 1910 e em 1912 os relatórios da Comissão de Terras já informavam que o planejamento para a nova sede já estava começando. No projeto de divisão da Colônia Erechim já havia sido reservada uma área para a nova sede onde tinham sido proibidas construções, mas em 1913 já haviam no local 41 casas. O relatório de 1914 diz:

A sede geral da colônia Erechim, em Paiol Grande, será o primeiro caso, neste Estado, do estabelecimento de uma cidade com projeto previamente estudado. A sua situação e a sua instalação ordenada a tornará certamente uma bela cidadezinha futura, cujo nome deve ser trocado por outro menos prosaico, escolhido com propriedade. (DUCATTI, 1981: 79).

Carlos Torres Gonçalves, engenheiro responsável da Comissão de Terras e Colonização, responsável pelo projeto de ocupação da região Norte do Estado, tinha um grande interesse pela Colônia Erechim devido ao seu próspero crescimento, em especial por Paiol Grande, como comprova o relatório de 1914, onde apresentava o projeto urbanístico da nova sede e fazia comentários enaltecendo o local: “A sede geral da Colônia Erechim, em Paiol Grande, será o primeiro caso neste Estado do estabelecimento de uma cidade com projeto previamente estudado. A sua situação e a sua instalação ordenada a tornarão certamente uma bela cidadezinha futura, cujo nome deve ser trocado por outro menos prosaico, escolhido com propriedade.”i.

Nesse período foi nomeada uma Comissão de Engenheiros da região coordenada por Severiano de Almeida para demarcar o projeto desenvolvido pelo Engenheiro Carlos Torres Gonçalves.

1.5.1 Urbanismo

O plano urbanístico de Erechim foi organizado pela 3ª seção de Terras e Colonização, que tinha como diretor o Engenheiro Carlos Torres Gonçalves, e representava o órgão estadual. O projeto teve de responder à legislação estadual que regulamentava a colonização do estado e apresentava as premissas básicas de ocupação. Seguindo o decreto, o Engenheiro propôs um plano seguindo os ideais positivistas vigentes e as influências urbanísticas da época.

O plano caracterizava-se por quatro ruas diagonais sobrepostas ao xadrez básico que convergem a uma praça de formato oval entorno da qual foram implantados os monumentos e prédios importantes. Ele desenvolve-se a partir da marcação de uma avenida principal, que configura o eixo norte-sul, a partir da estação ferroviária, com uma largura total de quarenta metros. As ruas transversais têm medidas inferiores, vinte e cinco metros, e as diagonais que se cruzam na praça principal medem trinta metros. A Praça da Bandeira é o ponto central para onde convergem todas as ruas. O traçado ainda é marcante na área central nos dias de hoje, mas as periferias já seguem um crescimento diferenciado do plano original, principalmente pelo relevo acidentado. As imagens abaixo mostram o projeto desenvolvido por Torres Gonçalves e a cidade no período de sua construção e atualmente.

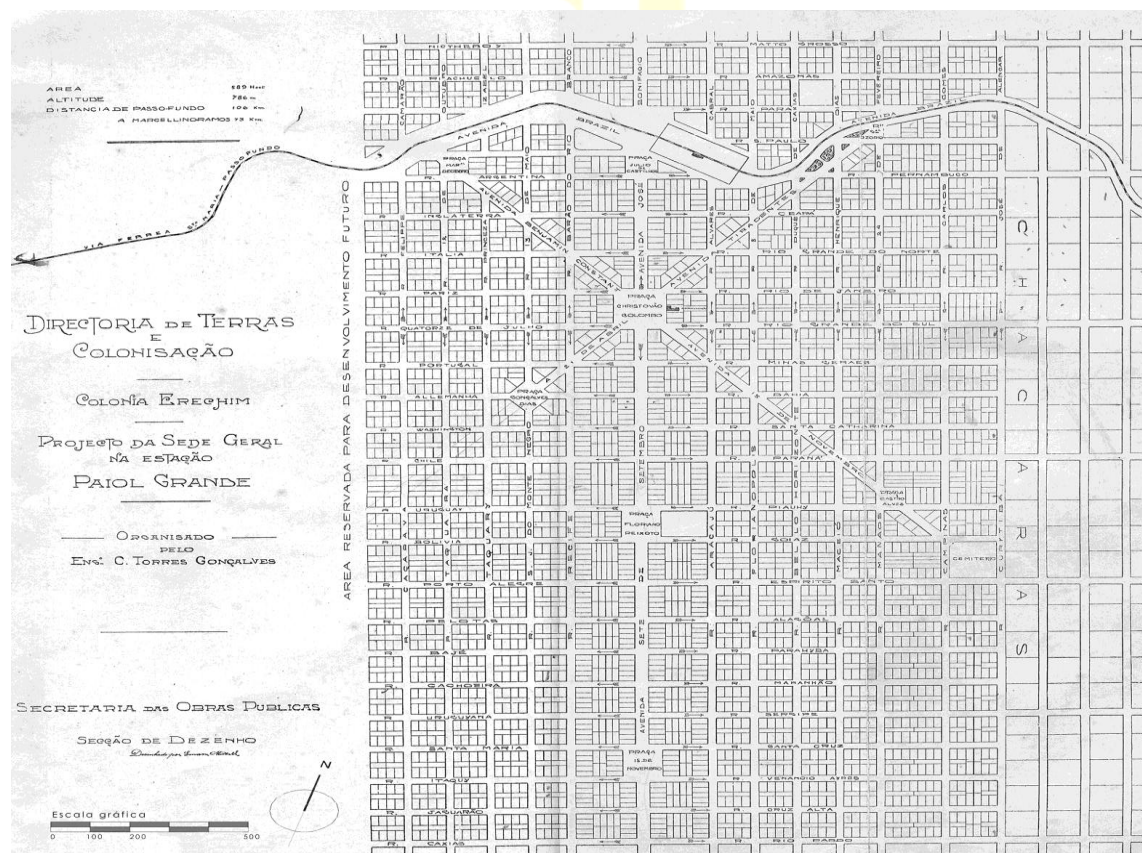


Fig. 2 Projeto para a sede da Colônia de Erechim projetado por Carlos Torres Gonçalves em 1914.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal.



Erechim ontem.



Fig. 3 Vista aérea do centro da cidade - década 50 e anos 2000.

Fonte: Álbum fotográfico da história de Erechim. Erechim: Edelbra, 2000. 220 p. : il.

A cidade de Erechim surgiu a partir de um plano urbanístico nos moldes do urbanismo moderno que foi ocupado somente após a sua efetivação.

O traçado de Erechim é um elemento urbanístico que pode ser analisado desde sua instalação até os dias de hoje, através das plantas de projeto e construção e dos mapas aéreos. Essa observação é indispensável, pois o plano como uma permanência urbana, apesar da evolução e transformação das formas, é o marco zero da cidade e cria uma relação desta com o seu território. Isso significa que a marca deixada no solo através do dimensionamento das vias, da marcação dos quarteirões e da divisão dos lotes é a chave para entender o desenvolvimento da cidade e permanece intacta com a evolução das formas e das técnicas.



Fig. 4 Foto aérea da cidade com a marcação do traçado planejado.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

A arquitetura que se desenvolveu sobre o traçado moderno em nada se relacionava com este. Ela era o reflexo da população de imigrantes que veio para tomar posse das novas terras e representava um modo de construir ainda primitivo. As construções em madeira e bastante simples evoluíram para edificações em alvenaria de estilo Eclético e chegaram até ao Art D'eco na década de 50, mas sem depender da evolução ou da transformação do plano. Ela mesma se tornou um marco na cidade por sua intensa transformação e por estar sempre ocupando um lugar no plano moderno de urbanização.

1.5.2 Arquitetura

A arquitetura de Erechim pode ser caracterizada pelos mais variados tipos de edificações apesar da sua pouca idade. No início do século passado, até a década de 20, as construções eram bastante rústicas, em parte devido à pressa dos colonos em construir um lugar para morar e em outra pela escassez de instrumentos oferecidos pela Comissão de Terras.

A tipologia das residências, edificações de pequeno porte ocupadas por comércio no térreo e residências no andar superior, era comum à maioria das casas do centro da cidade. Elas

podem ser classificadas e apresentadas segundo a origem européia de seus criadores. As casas italianas foram erguidas por descendentes de imigrantes que vinham das antigas colônias do Estado e, portanto já adquiriram hábitos nacionais na construção mas ainda mantendo a imagem européia na memória. A divisão da casa separava a cozinha que ocupava os fundos do lote, uma adaptação realizada já no Brasil devido ao uso abundante da madeira na construção, que na Europa era feita em pedra e mantinha a cozinha no centro da construção para aquecimento da casa. Assim, o lote de com cerca de 1250 m² de áreaⁱⁱ era ocupado desde sua frente, para favorecer o comércio, restando um grande pátio na área dos fundos para o plantio de hortaliças e a criação de animais domésticos, assim como para a construção da cozinha.

A casa polonesa era bastante semelhante à italiana pois os imigrantes estabeleceram nas mesmas colônias velhas e adquiriram hábitos comuns pela convivência, trazendo-os para a nova colônia.

Soma-se a essa tipologia, o tratamento dado à madeira e, principalmente, a inclinação acentuada dos telhados, que se torna a materialização dos conceitos presentes na memória coletiva da população de imigrantes. Esse tipo de solução era adotado na Europa, onde a neve era intensa e essa inclinação permitia o seu escoamento.



Fig. 5 Tipologia da edificação de imigrantes.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

Algumas construções específicas receberam um tratamento mais primoroso, é o caso da construção do Castelinho, em 1915, pelo Eng. Germano Mussig, que idealizou e construiu o prédio, com riqueza de detalhes.



Fig. 6 Castelinho em 1917 – edifício de instalação da Comissão de Terras.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

Nas décadas seguintes, 20 e 30, as casas continuaram de madeira, mas, com a melhoria das condições financeiras, receberam mais adornos e andares. Em 1930, com a construção do edifício da Prefeitura, projetado em Porto Alegre, se completaria a idéia do planejador da cidade de formar um centro monumental político e geograficamente importante. Também nessa década o Prefeito Municipal Amintas Maciel determina, em regime de lei, que os edifícios da avenida central não poderão mais ser executados em madeira. No final do mesmo ano da promulgação desta lei ocorreu o primeiro incêndio que destruiu parte da área central da cidade.

1.6 Anos 20 – a cidade e seu contexto

No Brasil, o desejo de ser moderno no início do século, atingia grande parte do país e principalmente aqueles que tiveram contato com as capitais em desenvolvimento intenso, como São Paulo e Rio de Janeiro. A imagem que se formava na memória, com a inovação tecnológica e a utilização de novos materiais, estimulou novas conquistas no campo da arquitetura, inclusive nas cidades de pequeno porte. A resistência e a defesa ao que estava sendo construído (casas de madeira com dois andares) aos poucos diminuíram com a aparição dessas novas edificações na cidade.

O planejamento urbano que se desenvolvia no País com os engenheiros militares e a necessidade de ocupação do território foram os principais vetores para o projeto a ser implantado. O Estado do Rio Grande do Sul, a exemplo do que ocorria no Brasil, propõe uma lista de mudanças para melhorar suas cidades. A capital já contava com engenheiros trabalhando em prol desse sonho mas a presidência do Estado queria que todas as cidades refletissem o poder da Ordem e do Progresso. E para isso foram encomendados planos de ocupação para todas as regiões, que se desenvolveram em períodos distintos.

O Norte do Estado foi a última região a ser ocupada e neste período, fim de século e início do século XX o Engenheiro Carlos Torres Gonçalves fazia parte da Comissão de Terras e Colonização, tornando-se o responsável pela implantação de diversos núcleos, pelo plano viário estadual e, principalmente, pela tarefa importante de elaborar um plano para uma cidade que aspirava tornar-se um grande centro. Assim como Belo Horizonte, o plano elaborado era para uma cidade completamente nova que de alguma forma seria a “capital” das colônias de imigrantes na região Norte do Estado.

A cidade de Erechim reúne características que podem ser identificadas em diversos exemplos de cidades no Brasil e no mundo, mas que, reunidas num único espaço, oferecem a especificidade que a torna única no Estado. A sua imagem reflete a tensão existente entre tradição e modernidade, identificada nos elementos que a compõem, a arquitetura e o urbanismo.

Essa formação gerou uma imagem que revelava os dois conceitos: o momento da história em que o desenvolvimento e o desejo de ser moderno eram algumas das maiores aspirações, e a população, que presenciava esse período e de qualquer forma continuava morando em casas construídas segundo as tradições de seus países de origem.

A cidade mantinha, até o início dos anos 30, a mesma característica: uma planta de traçado moderno sendo ocupada por residências simples executadas em madeira e inspiradas na herança européia que seus moradores ainda guardavam.

Esta década marca o início da Era Vargas, governador que tomou decisões importantes para estimular o crescimento e desenvolvimento das cidades, e que em 1937 dissolveu o Congresso Nacional e os órgãos Legislativos Estaduais e Municipais, nomeou Interventores Federais (Estado Novo) e governou de forma ditatorial. Os novos auxiliares do governo nomeavam os novos prefeitos. Desta decisão assumiu o cargo de Prefeito de Erechim, Amintas Maciel. As medidas adotadas por ele contribuíram para a mudança da imagem da cidade e sua forma urbana no momento em que a mesma foi assolada por três grandes incêndios. As novas normas seriam aplicadas para que a cidade adquirisse outra imagem que acompanhasse o seu desenvolvimento.

2. ...Forma urbana e os Incêndios...

O estudo da cidade através da análise da forma urbana é o método adotado neste trabalho para explicar a cidade nos dias de hoje através das suas realizações passadas e dessa forma, antever seu futuro.

Rossi define a forma urbana como o conjunto de fatos urbanos que se encontram na cidade e se percebem ao longo de sua história. Neles agrupam-se a arquitetura e os elementos primários. A arquitetura, como parte integrante da cidade e, ao mesmo tempo, como artefato, objeto construído; e os elementos primários, que correspondem aos monumentos, ao traçado e às permanências, pois contam a história da cidade ao mesmo tempo em que desenvolvem sua própria trajetória.

O contexto histórico, a virtualidade mostrada nas plantas convive com a arquitetura, com os edifícios públicos e as residências e esse conjunto é revelador do urbano, da forma urbana.

Esta forma é cumulativa de todos os conteúdos, seres da natureza, resultados da indústria, técnicas e riquezas, obra da cultura, dos modos de vida, das situações, das modulações ou rupturas do cotidiano. Mas é algo mais e algo distinto que somente acumulação. Os conteúdos (coisas, objetos, indivíduos, situações) se excluem enquanto diferentes, se incluem e se sobrepõem enquanto congregados. (LEFEBVRE, 1972: 125).

A forma da cidade é resultado de dois fatores: o urbanismo (modernidade) e a arquitetura (tradição). Primeiro, a implantação das vias seguindo o projeto desenvolvido pelo engenheiro. A avenida principal, José Bonifácio, partiu da estação ferroviária, um dos únicos edifícios na época (1914) e seguiu em direção ao sul estabelecendo um eixo de onde partiram as ruas perpendiculares e paralelas, formando o traçado xadrez, que foi em seguida sobreposto por diagonais cortando os quarteirões e marcando o centro da cidade com a Praça Cristóvão Colombo. Depois de estabelecidas as primeiras ruas começou-se a construção dos edifícios em madeira, nos lotes distribuídos pela Comissão. Os imigrantes foram os construtores e imprimiram na arquitetura suas memórias juvenis.

A área central da cidade de Erechim, como foco principal desta análise, se apresenta como uma referência ao desenvolvimento da cidade e coincide com seu marco zero. Essa parcela urbana é a mais consolidada e palco de grandes transformações urbanas na década em estudo. Seguindo a lógica da implantação do traçado, de características modernas, supõe-se a inserção de edifícios que condissessem com o plano, utilizando as novas técnicas e materiais. Esses modelos podiam ser encontrados em inúmeras cidades, inclusive no Brasil e no Rio Grande do Sul no início do século XX. Mas em Erechim, o conjunto de edificações construído nas duas primeiras décadas é um fato urbano representativo da tradição dos imigrantes europeus. Os casarões de madeira começaram muito simples no início de sua trajetória e ao longo dos anos passaram a receber adornos entalhados na madeira.

O plano urbanístico, analisado sob o ponto de vista das permanências urbanas, pode ser considerado um fato urbano gerador de centralidade e propulsor do desenvolvimento da cidade, o que acontece principalmente após os grandes incêndios em Erechim.

O modelo implantado na cidade de Erechim encontra-se no período de experimentação das cidades modernas e o projeto realiza-se de forma parcial, através da malha viária. Essa constatação é possível graças à análise das plantas da cidade, uma virtualidade que não pode ser percebida na realidade social mas de um olhar distante sobre a cidade. Apesar de este não ter sido implantado em sua totalidade e de o plano ser sempre um tempo da cidade (ROSSI, 2001: 140), o projeto urbanístico assume uma extrema importância no momento da necessidade de reconstrução da cidade.

Através da forma urbana é que se concretiza a especificidade da cidade. Esta como local da arquitetura e da ação do tempo, da globalização e da individualidade. A cidade torna-se “um fato singular determinado pelo espaço e pelo tempo, por sua dimensão topográfica e por sua

forma, por ser sede de acontecimentos antigos e novos, por sua memória.” (ROSSI, 2001: 152)

2.1 FOGO!

A cidade de Erechim se desenvolvia e se afirmava como centro de atração da população imigratória que trazia toda sua energia para contribuir com o crescimento municipal. Era final dos anos 20 e as mudanças políticas estavam agitando os representantes das cidades que, a mando do governo estadual, buscavam aplicar soluções para acelerar o desenvolvimento das cidades. Foi nesse período que se iniciou o processo de perdas devido à ocorrência dos três grandes incêndios.

2.1.1 Primeiro incêndio

Este incêndio deixou o primeiro vazio na avenida principal que perdeu sua configuração e homogeneidade adquiridas ao longo dos seus primeiros vinte anos.

Em 8/11/1931, iniciou-se o fogo durante uma sessão cinematográfica que destruiu o cinema e mais 12 casas de comércio situadas na quadra entre a Avenida José Bonifácio, Rua Torres Gonçalves e Avenida Joaquim Brasil Cabral.

Esse incêndio abalou a população que demorou a reorganizar sua vida e reconstruir suas moradias. Alguns ainda migraram para áreas fora da avenida vendendo seus terrenos no centro. A reconstrução não seria fácil pois diversas imposições já vigoravam por lei e limitavam o tipo de edificação que seria construído na avenida principal, considerando o tipo arquitetônico, o uso do material, a altura e os adornos, o que gerou custos bastante elevados.



Fig. 7 Incêndio em 1931.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

2.1.2 Segundo incêndio

O segundo ocorreu em 06/1932 na vila principal, atingindo vários prédios que ocupavam quase uma quadra inteira.

Nesse momento a perspectiva que a avenida gerava com as fachadas homogêneas de suas edificações enfraqueceu. Era necessário repensá-la como um todo se o objetivo fosse colocar em prática os desejos de modernização. A imagem da cidade sofria perdas enquanto sua estrutura ainda estava se consolidando.

2.1.3 Terceiro incêndio

E o último em 3/3/1933 quando cinco prédios foram queimados.



Fig. 8 Incêndio em 1933.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

Além do Café as chamas queimaram a Casa Cima, joalheria de Tagliari & Dal Sasso; o prédio de Olintho Zambonato e Júlio Berto; a casa comercial deste; a funilaria de Albano Tosetto e a ourivesaria de Heitor Cerioli.

O terceiro incêndio causou danos graves à cidade. Segundo Waldemar Madalozzo, morador da cidade desde 1925, os prejuízos causados pelo incêndio contíguo à firma Pagnoncelli foram grandes “porque a maioria dos produtos chegavam em Erechim por intermédio dessa empresa”.

Os incêndios queimaram edifícios, casas e comércio, lembranças, cartas e fotografias, documentos, escrituras e identidades, queimaram uma fase da cidade e, acima de tudo, queimaram etapas de formação e consolidação da cidade. Apesar do pequeno número de edificações incendiadas e de uma grande maioria acreditar na intencionalidade dos incêndios como forma de receber o dinheiro assegurado, eles marcaram a vida da cidade e representam hoje um ponto marcante que iniciou um novo processo.

3. ...à nova cidade!

3.1 Forma transformada – ruptura, permanência, memória

A forma urbana é o conteúdo que permite conhecer a cidade e atribuir-lhe valor. Os elementos que a compõem e suas mutações ao longo do tempo (funcionais ou estruturais) conformam a linha de continuidade da história da cidade que pode, eventualmente, apresentar desníveis onde se encaixam os grandes marcos de mudança. Através da forma urbana, analisando suas permanências, continuidades e descontinuidades, estes momentos de ruptura são detectados.

Rossi (2001) afirma que através da busca pela continuidade dos fatos urbanos pode-se explicar a cidade hoje e antever seu futuro, mesmo que esses fatos já não estejam presentes fisicamente. É necessário descobrir e desvelar as camadas do tempo na cidade. Os elementos ainda visíveis são importantes na formação da cidade assim como os que tiveram grande importância no tempo e guardam na sua história a própria história da cidade. Eles nos mostram, através de sua forma, a dinâmica da cidade o que permite entender as permanências e tornar visíveis as rupturas.

Para que uma cidade ou parte dela se transforme algo deve ter se tornado obsoleto, exigindo a mudança, dentro do fluxo natural de desenvolvimento. Um fato que já tenha dado e recebido tudo o que sua forma, função e estrutura poderiam num certo período de tempo virá a tornar-se obsoleto. Uma mudança social ou política podem fazer com que um conjunto urbano perca sua importância e passe a não retribuir mais às novas escolhas tornando-se um fato indesejado ou desprezado na cidade.

É desta forma que a cidade evolui e se transforma. A continuidade histórica é o processo de adaptação da cidade aos processos globais que atuam sobre ela e se desenrola no tempo necessário para que as mudanças sejam implantadas e a população se aproprie novamente desse espaço tornando-o específico. Os acontecimentos globais, como a industrialização, geram mudanças na realidade social que, simultaneamente, se atualiza para o novo. E é sobre essa contínua e dialética relação que podem ser detectadas as descontinuidades.

3.2 O incêndio como acelerador do processo

O tempo de acontecimentos das grandes e pequenas mudanças é o tempo da cidade. É o tempo de evolução e transformação, de aceitação e de adaptação. O estudo de uma cidade sempre caminha sobre esse tempo, que não coincide com o tempo biológico e com o tempo de outras cidades. Ele sempre estará associado ao estudo da forma urbana.

A forma da cidade é sempre a forma de um tempo da cidade, e existem muitos tempos na forma da cidade. No próprio decorrer da vida de um homem, a cidade muda de fisionomia em volta dele, as referências não são as mesmas. (op. cit., 2001, p. 57)

O significado do tempo é importante pois é nele que nos amparamos para classificar e ordenar os acontecimentos em uma cidade e em seus componentes: a forma e a sociedade. Avaliar a passagem do tempo é possível através da verificação das imagens de uma cidade, como também através das mudanças sociais. Norbert Elias (1998) chama de velocidades de transformação classificando o tempo medido de forma mecânica, através dos símbolos criados pelo homem, e o tempo social, que acontece conjuntamente com o outro, mas em diferentes níveis. Nessa análise novamente estão presentes os elementos físicos verificáveis, os fatos urbanos, propulsores do desenvolvimento e, paralelamente, a memória coletiva, o lócus, a relação da cidade e seu território.

Essa análise temporal, a partir de uma montagem cronológica dos tempos da cidade de Erechim, destacados pela forma da cidade, arquitetura e ação da população, permite também verificar como o processo foi acelerado pelos incêndios. Eles queimaram muito além das edificações, queimaram etapas de desenvolvimento e de evolução da cidade, queimaram sonhos de uma população que tinha apenas doze anos de atuação na cidade.

3.3 A nova forma urbana

Com os incêndios a realidade exige da cidade uma resposta. A vida e a arquitetura pré-moderna são consumidas pelo fogo e questiona-se como reerguê-las. Esse período de discussão, analisado sob o contínuo da história, caracteriza-se como a ruptura.

A cidade interrompida, assim como em Lisboa, Londres, Chicago, aproveita os acidentes para avançar décadas na arquitetura e sincronizá-la ao traçado implantado no início do século. Apropriando-se da lei estadual para novas edificações e também do Código de Posturas implantado pelo governo municipal, a cidade reergue-se para sua população e para o mundo moderno, rendendo-se às técnicas e aos especialistas interessados em colocar em prática suas teorias.

A padronização descrita pelo Código de Posturas, Ato Municipal imposto em 1931 pelo Prefeito Amintas Maciel, determina a proibição da construção de edificações de madeira no eixo central. Além disso, proíbe a restauração ou modificação das casas já existentes nessa áreaⁱⁱⁱ. Era uma exigência do Estado que também previa alinhamentos, larguras mínimas das

construções, licença para construção, drenagem, pé-direito mínimo. O prefeito declarou que a cidade estava em próspero crescimento e para isso “precisa tomar outra feição”.

Ainda em 1931, por meio do Ato n. 30, o prefeito impõe a construção de muros em todas as residências, com projeto a ser aprovado pela prefeitura. Como pena ao não cumprimento, os proprietários teriam de efetuar o pagamento de uma multa e estariam submetendo suas propriedades à possível demolição.

A publicação dos atos juntamente com a necessidade de reconstrução resultante dos incêndios, deu origem a edificações ecléticas, inspiradas nas construídas na capital. Segundo o autor Reis Filho (1987), “o Eclétismo foi, pois, em arquitetura, conciliação e progresso, tradicionalismo e progresso, ou, como se diria depois, ordem (...) e progresso.” O prefeito Amintas Maciel, foi uma forte presença no desenvolvimento da cidade e se atribui a ele os anseios de uma cidade mais organizada e, sobretudo, moderna, em um curto período de tempo.





Fig. 9 e 10 Avenida principal sentido N-S – 1930 e 1940
Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

Surgem nesse começo de década mais construções importantes na cidade. Em 1932 o edifício da Prefeitura é terminado, idealizado e projetado em Porto Alegre, foi inspirado em formas neoclássicas e reforça o centro monumental, político e religioso. Somam-se a isso os melhoramentos feitos na Praça Cristóvão Colombo, com uma demarcação feita em concreto, instalação de postes, plantio de árvores e execução de passeios.

Helly Parenti, entrevistado para esse trabalho, afirma que a cidade nesse período “já demonstrava que o progresso não demoraria a chegar como de fato aconteceu. A maioria dos edifícios ou casas eram de madeira. As ruas eram de terra e pedra bastante ‘atoleiras’ mas bem planejadas para o futuro.”^{iv}

A Igreja da Matriz também sofreu com esse período de grandes transformações. Anterior a Igreja de 1930 existia, segundo relatos dos moradores, uma Igreja de madeira localizada no terreno onde foi construída, em 1927, a nova Igreja da Matriz, mas não existem documentos que comprovem essa existência. A nova Igreja foi inaugurada em 1933 e foi construída em alvenaria no estilo Barroco. O projeto foi desenvolvido por Vitorino Zani, que já havia projetado outras igrejas no interior do Estado.



Fig. 11 Igreja da Matriz em 1933.
Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

Desta forma tem início uma nova fase na cidade de Erechim que refletirá a necessidade de reconstrução pelos incêndios somada às imposições governamentais, os desejos pela modernização e desenvolvimento.



Fig. 12 Vista Norte-Sul da Avenida José Bonifácio em 1940.
Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

A cidade em contraste com o seu passado convive, agora sim, em harmonia com seu traçado moderno. As edificações no estilo Eclético, em alvenaria e repletas de adornos representam a realização da modernidade, pelo estilo e pelas técnicas. Em seguida o Art Decô se apresenta em algumas edificações no centro transformado, trazendo mais um estilo para a cidade que se reencontra e reconstrói.

A força dos incêndios é que permite a mudança radical da forma em um curto período de tempo numa cidade ainda em fase de crescimento. Através da análise desta ruptura é que se percebe como fatores extremos podem impulsionar o desenvolvimento de uma cidade que já nasceu para ser moderna.

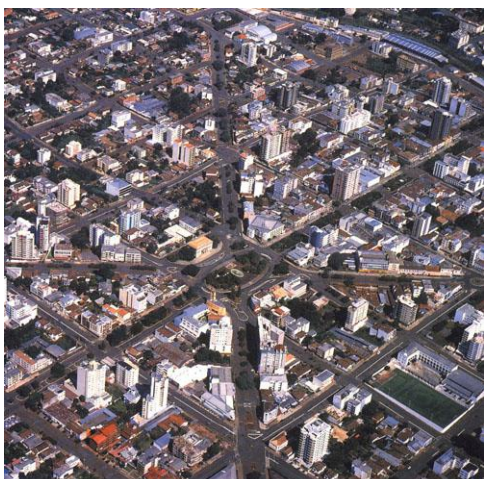


Fig. 13 Avenida principal de Erechim em 2000.
Fonte: Arquivo Histórico Municipal.



Referências bibliográficas

- CASSOL, Ernesto. Formação *Histórica do Grande Erechim*. Perspectiva, n. 6, 1977.
- _____. *Histórico de Erechim*. Erechim: CESE, 1979.
- _____. *Carlos Torres Gonçalves*. Erechim: São Cristóvão.
- CHIAPARINI, Enori. *Início de Paiol Grande*. Erechim, 1992.
- DUARTE, Cristovão Fernandes. A configuração espacial da cidade. In: DUARTE, Cristóvão Fernandes. *Circulação e cidade: do movimento da forma à forma do movimento*. Rio de Janeiro: IPPUR-UFRJ, 2002.
- _____. *A dialética entre permanência e ruptura nos processos de transformação do espaço*. Seminário Urbanismo 10 anos: percursos e prospectivas. Rio de Janeiro: PROURB, 2006 (no prelo).
- FONT, Miguel Illa. *Serras do Erechim, tempos heróicos*. Erechim: Empresa Gráfica Carraro, 1983.
- LEFEBVRE, Henry. *La revolucion urbana*. Madri: Alianza Editorial, 1972.
- _____. *O direito à cidade*. São Paulo: Ed. Moraes, 1991.
- NETO, Antonio Ducatti. *O grande Erechim e sua história*. Porto Alegre: EST, 1981.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- ROSSI, Aldo. *Arquitetura da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ⁱ Relatório da Secretaria de Obras Públicas, 1914:169.

ⁱⁱ Carlos Torres Gonçalves tinha que obedecer à legislação que regulamentava a organização das colônias no Estado de acordo com o Decreto 247 de 19/08/1899 que exigia a área mínima dos lotes, entre outras decisões.

ⁱⁱⁱ Cabe lembrar que até então só havia três construções em alvenaria na cidade, a Estação Ferroviária, a casa de comércio do Sr. Atílio Assoni, próxima a ferrovia, e a residência de Reynaldo Seger, na rua Portugal, todas fora do perímetro estabelecido pelo prefeito para implantação de edificações de alvenaria.

^{iv} Entrevista realizada em setembro de 2007 com Helly Luiz Parenti, nascido em 16 de março de 1929.